

**MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR INDÍGENA*****MEMORIES OF AN INDIGENOUS TEACHER**

Inh vënh rá tỹ, inh konég kã isa inh jamã tỹ Nonoay tỹ já inh mog tu ke nĩ. Sá inh manh kar inh panh fag mré mog tu ke ni ge. Kar inh manh fag pi kran kran ke ti mũ fag tỹ tĩ, jamã kar mi fag ta muka natĩ, on inh pi ser inh estudo kote, onta inh kanhrón kamogtĩ, sa kar fóg ag tỹ inh vãnh rá tũ veg ka kar eg cultura kin ra nỹti nĩ. Rá eg tỹ kanhgág tỹ tĩ sĩ ag vëmém mãn ti, kar tỹ inh as Unisinos ki korómũ tó nĩ ge rá inh sa inh koném ko sa sĩ tũ ógrég tĩgtĩ, inh estudo tũ rá sa ãre inh sonho tá grag ka tỹ inh mũ sér tỹvim tĩ. Rá vỹsá gĩr kosĩr ag tỹ ti sĩ ag vĩ mó há nỹgtĩ, ó tũg rĩn sa rãn mũ sá fóg ah ki kanhrénrén ja kanhgág história tĩ.

Resumo: Esse estudo assume uma característica biográfica e memorial, na qual apresenta-se a trajetória de vida do pesquisador, de sua infância até a vida adulta, da vida escolar até vida acadêmica. Discutem-se aspectos de sua cultura e de sua diferença em relação a outras culturas, de como os mais velhos educam e a forma que seus pais lhe educaram. O fio condutor do texto memorial exposto é a trajetória de vida do professor até sua inserção no ensino superior, evidenciando suas descontinuidades, poucas oportunidades e enfrentamentos pessoais para a realização de seu projeto.

Palavras-chave: Memória. Professor indígena. Kaingang.

Abstract: This study takes on a biographical and memorial feature, in which the researcher's life trajectory is presented, from childhood to adulthood, from school life to academic life. Aspects of their culture and their difference in relation to other cultures are discussed, how the elders educate and the way their parents raised them. The guiding line of the exposed memorial text is the teacher's life trajectory until his insertion in higher education, showing his discontinuities, few opportunities and personal confrontations to carry out his project.

Keywords: Memory. Indigenous teacher. Kaingang.

Josme Konhko Fortes
(In memoriam) **
Professor bilíngue
português/kanhgág
Licenciado em Pedagogia
pela Universidade do Vale
do Rio dos Sinos
(UNISINOS)

* Esse artigo é resultado do seu trabalho de conclusão de curso em Pedagogia no ano de 2019, orientado pelo professor Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva (Unisinos) que foi fundamental para a realização desse memorial. Josme era alfabetizado em kanhgág, por isso, segundo ele, foi um desafio escrever esse texto em português, que não era sua língua. Josme foi o primeiro kanhgág a formar-se na Unisinos. Enquanto estudante e professor, engajou-se na luta pela formação das gerações kanhgág mais jovens

** Josme faleceu precocemente em maio de 2020.

DOI: <https://doi.org/10.4013/rlah.2021.1026.10>

1 KONHKO SONHANDO NA SUA INFÂNCIA

Eu, Josme Fortes agradeço a meu *Tupê* (Deus) por minha vida e pela minha saúde e por essa oportunidade que ele tem me concedido de estar onde estou no dia de hoje. Que me deu essa oportunidade de eu compartilhar a minha história, da minha infância e da minha trajetória, da minha vivência com a minha cultura até eu chegar à onde eu cheguei na minha vida acadêmica e como Professor indígena bilíngue.

Eu nasci no dia 20 de agosto de 1976, a minha marca é *kanhru* significa pinta redonda. Meu nome indígena é *konhko*, que significa Caburé do Sol. O nome indígena quem escolhe o meu nome foi a minha avó Alexandrina, então aquela lembrança que a minha avó ficou marcado na minha memória ela era mais velha da aldeia. Quando eu relembro da minha da infância era maravilhoso coisa boas que eu como criança indígena vivenciando aquela natureza como meu território mais seguro do planeta, e da minha vivência passa um filme bom que ficou de lembrança e filme ruim que eu consigo e não gosto me lembrar pois dói na minha alma. Por isso que eu estou escrevendo para quem vai ler e também para não-indígena saber a vivência do um índio kaingang.

Então eu vou falar da minha infância que ficou marcado na minha memória, e até a minha fase adulta a minha convivência com a natureza porquê? A natureza ele nos traz saúde e a espiritualidade por exemplo a madeira eu tem que pedir para ele me proteger e também quando eu vou derrubar uma madeira eu tenho que pedir autorização para os espíritos da árvore. Quando eu ia no mato para ir brincar, a minha mãe dizia que eu tinha que falar com o espírito da árvore para subir nele para que ele nos protege para não cair de cima aí eu já ia pedir autorização do espírito da arvore depois eu subo ficavam brincando tarde inteira e não acontecia nada, até pra derrubar a madeira eu tem falar com ele com espírito da madeira o rio também tem espírito todas as coisa da natureza tem espírito quando eu ia tomar banho no rio eu peço para o espírito da agua me cuidar para eu não me afogar até para pescar eu tinha pedir autorização do espírito do peixe eu falo com ele que eu preciso me alimentar ai eu já pesco bastante peixe. E o peixe e nosso preferido prato para nos alimentar e também e vitamina para nosso corpo e também e remédio para nós indígena o meu pai me dava banho com o caldo do peixe para que eu quando ficar adulto eu não iria ser fácil de me segurar. E também o meu pai não me deixava que eu comesse os peixes que eu pegava primeiro porque eu não ia ter sorte de pescar outra vez que eu ir pescar.

Eu andava com o meu pai em toda parte a onde ele ia se ele ia melar abelha eu estava com ele para ouvir as histórias que me contava me falava sobre a história da abelha quando a gente melava que eu não podia ficar bravo com as abelhas se não eles iam ficar bravo comigo. Também o meu pai pegava o machado nas costas e eu com um cesto de taquara e umas folhas de caeté para colocar no fundo do balaio para que o mel não caísse no chão enquanto ele derrubava a árvore. Eu ficava sentado longe depois que ele derrubar ele me chamava para levar o balaio para ele e depois para eu fazer fogo perto da abelha para assustar a abelha, ai dizia não bate neles só fala com eles ele dizia o meu pai ai eu começava falar assim com eles *mỹg sỹ ó mé kojke vỹ kỹ inh prỹ tugnĩ* (abelha eu vou comer o seu mel então não me morde) assim eu falava para a abelha ai não me mordida só ficava grudado em mim.

Todos os animais têm espíritos, eles nos ouvem e nos entendem. Quando a gente fala com eles depois quando nós íamos pro mato o meu pai me ensinava rezar para a cobra não morder a gente. Antes de entrar no mato o meu pai já mandava eu falar com o espírito que manda ele as cobra ai eu já fazia a minha reza para que o espírito prendesse as cobra, ai já cantava pra ele assim, *sỹo totojo inh mỹ pỹn tĩ kogmĩ, tĩtỹ inh prỹ tũgnĩ nĩ* (santo Antônio segura a cobra para ele não poder me ver para que ele não me morder). Eu tinha que cantar três vezes a reza depois eu já posso entrar no mato para poder pegar lenha ou pescar, caçar os bichos com a minha flecha depois que eu cantar a reza eu já posso ir tranquilo sem medo de nada não vejo nem uma cobra nem aranha nada, eu as caças também quando nos iam com meu pai ele já tinha cinco cachorros, eram bom de caçar tudo tipo de caça, meu pai tinha remédio medicinais para o cachorro saber correr atrás das caças, esse remédio tinha que pegar no mato para ele seja bom para caçar, e também tinha uma, a mulher não podia passar em cima do cachorro dele por que se não o cachorro podia ficar vagabundo e mesma para nós homem, que a mulher não podia passar em cima do homem se não a gente também ficava vagabundo.

Minha mãe Emília Vêm já e o Josme Konhko com 5 anos.



Fonte: Do autor, 1981

2 CULTURA DOS ÍNDIOS KAINGANG PASSA DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO

A minha cultura veio do meu bisavô e passou para meu avô e passou para meu pai e o meu pai passou pra mim que passa para geração em geração, que é muito importante para nosso(a) futuro gerações, que são as nossas crianças para que eles não possa esquecer das culturas que os nossos mais velhos que são os (*kufy*) passarão para nós, eu tem que passar para os meus filhos para que eles possam passar para os seus filhos também e os filhos vão passar para os filhos deles, então a minha infância eu foi criado nesse costume, que eu vivia livre à vontade no meio da mata sentindo o cheiro da natureza e respirando o ar puro, conversado com as árvores com isso eu me sentia mais realizado trepando nos pés das árvores, pulando em galho em galho isso era a minha vivência da infância, isso para nós já é uma aula de física, o nosso corpo já está se exercitando quando uma crianças está subindo num pé de uma árvore, fazendo balanço de cipó era o que eu gostava mais , fazendo carinho de madeira era o que eu também amava, para brincar no dias de chuva era uma maravilha de brincar para mim, brincar porque aquele tempo eu não conhecia esses brinquedo moderno que existem agora para as criança brincarem, juventude de agora.

Na época eu tinha oito anos de idade, mas eu gostava muito de estar no meio na natureza para brincar e de fazer casinha de folha de coqueiro e capim e também sempre eu dava uma escapada para me esconder no mato, que ficava perto da minha casa. Eu me sentia mais protegido e seguro naquele lugar que e a natureza nos indígena conversamos com as matas eles

nos ouve ele tem espírito por isso que nos índio conversamos com ele até para derrubar um pé de árvore eu tem que pedir autorização para ele se não vai acontecer alguma coisa de errado talvez a árvore pode cair em cima da gente que está derrubando estava ao redor de mim, ouvir as cantiga dos pássaros isso fazia pra mim que eu estava protegido só de ouvir eu já me alegrava, por isso que eu sinto saudade da minha infância.

Tenho muito orgulho da minha infância e da minha cultura e de ser índio kaingang, mas a minha vida toda eu convivi nas aldeia indígena eu fui nascido e criado numa comunidade que se chama pó tỹ ró(lage) aldeia de Nonoai a minha infância foi bem tranquilo como uma criança que que não teve contato com outras crianças, eu não era uma criança que vivia brigando com os outros eu era tranquilo que foi criado na natureza que adorava ouvir as cantiga dos pássaros de manhã cedo e ter mais contato com as mata ouvindo as cantiga dos pássaros e ouvindo o barulho da cachoeira do rio. Eu gostava muito também era fazer êghé (laço) para pegar os passarinho para nós se alimentar com a nossa família também fazer arapuca para pegar pássaro, e também pegar coco, jabuticaba, para que podemos se alimentar, lugar o lugar que eu me criei eu vivia com a natureza e me setinha alegre com aquele ar puro, que eu sentia, que eu vivia a minha infância tinha muitos animais e aves era cheio de várias árvores que faz bem para minha saúde que natureza nos fornece, para nosso bem estar da nossa saúde, tinha uma enorme mato, vários rios, que eu todo dia iam pescar e armar rede para pescar peixe que serviria para nossa alimentação da minha família, também serviria para nós brincar ali que eu, a minha irmão que gostavam de brincar de fazer balanço de cipó e pular em galho da árvore, se esconder no meio do mato, brincar de fazer casinha com as folhas da matas e também isso ficou na minha memória eu também era o braço direito dos meus pais tudo o que era prazer tinha que ser eu, era pra fazer fogo, pegar lenha no mato, pegar água no rio, naquele tempo o nosso balde de pegar água era uns *rughé* (porunga) e de taquara o meu pai cortava aquele goma maior da taquara para que eu e a minha irmã iam pegar água era muito longe onde nos ia pegar a água nós não tinha água potável em casa era naquela forma que tinha que pegar água então o meu pai cortavam bastante goma de taquara para água e depois amarrava com cipó as gomas de taquara e depois nos tinham colocar em cima do nosso ombro para levar para a casa.

A minha infância foi muito legal um momento bom e um momento ruim, nesse tempo era muito bom demais o tempo foi passando que quando eu vi a minha natureza estava terminando, eu iam pegar água no rio bem limpo não era poluído e era saudável para consumir e tomar banho, para pegar e tomar banho era muito longe mas o mais o meu país dizia que caminhar faz bem para nossa saúde, que nos tem que caminhar para nós envelhecer com saúde

e viver mais , para mim era uma alegria aquele convívio com a natureza, com movimento do nosso corpo para pegar água iam nos ajudar movimentar nosso corpo era fazer exercício caminhando pelas mata com as minhas vasilha nas costa iam melhorar mais a nossa saúde e cantando e conversando com os pássaros mais assim eu tinha que ir no rio buscar água, eu crescendo cada vez mais sem saber ler e escrever o meu próprio nome.

Naquele tempo, os mais antigos não gostavam que os filhos estudassem que nem exemplo tirar palanque que lasca madeira para fazer cerca de animais, queria que seus filhos trabalhasse no serviço pesado naquele tempo, eles não sabia, que mais tarde os filhos deles iam fazer falta deste estudo, que para mim era muito importante para meu futuro aí eu retornei mais uma vez para escola eu tinha uns dez anos, sem estudar mas o meu sonho era sair daquela situação que nos viviam mais sem estudar eu não iam chegar a onda que eu queria chegar o único que eu poderia me ajudar para chegar o meu objetivo era só com estudo, um pouco o que me atrapalhava era que meu país não ficava no mesmo lugar eles ficavam um tempo no outro isso me atrapalhava de frequentar uma escola para que eu possa aprender escrever algumas palavras, de aprender fazer leitura, e escrever o seu próprio nome por motivo que eu não podia de estudar. Os meus pais não aceitavam eu estudar e também nunca gostaram de morar a onde que as casa do vizinho que ficavam perto numa outras na aldeia aonde tinha as casas perto do uns outros, ele dizia que a onde as crianças vivem junto um dos outros aprendi algumas coisa que não leva as crianças aprendem coisas mal. Aí ele fazia a nossa casa sempre no meio do mato a onde não tem vizinho perto da nossa casa, eu relembro bem o lugar a onde eu passei a minha infância, chamava-se *sá téj*(cascata) era só que de noite nos eu a outra minha irmã que também era mais nova que eu a minha caçula naquela época a minha irmã, ela tinha cinco anos e eu tinha uns seis anos eu era um ano mais velho que ele a minha irmã, eu e a minha irmão não podia brincar de noite em roda da casa, porque tinha animal silvestre perto da nossa casa ai a minha dizia que não e pra nós ir longe da nossa casa, que o tigre ia nos pegar e ele levaria nos bem longe da nossa casa, isso nos assustava muito, ai eu e a minha irmão ficava deitado numa cama de capim ou folha de coqueiro, para contar ó (histórias), tem hora que de tanto contar ó (história) eu dormia e a minha irmã também dormia.

No outro dia eu tinha acordar bem cedo quando os passarinho cantava primeiro, o meu pai me acordava, para que eu ia junto com ele no riacho pegar peixe que no dia anterior eu o meu pai tinha colocado no riacho o *pãrĩ* (pari, feito de taquara transado) chegamos o *pãrĩ* (pari, feito de taquara transado) estava cheio de peixe eu ficava contente com aquele peixe, ai o meu pai me mandava pegar folha seca, e madeira seca para que ele ia fazer fogo para assar os

peixes, seria a nossa primeira refeição do dia, até que os peixes cozinhava o meu ia tirava taquara para fazer cesto para nos levar e fazia outro cesto pequeno pra min, carregar os peixe pra levar pra casa para minha mãe que eles possam fazer comida para ela e a minha irmã.

2.1 BANHO NO RIACHO DA MINHA INFÂNCIA NO RIO CASCATA (GOJ SÁ)

Desde os meu cinco anos até a fase de dez anos eu adorava muito de tomar banho nesse, rio que os meus pais desde quando era criança me ensinaram tomar banho no rio porque na infância não existiam agua encanado nas casas e banheiro para que nos possam tomar banha e também os mais velhos diziam que quando a gente toma banho no riacho faziam bem pra nossa saúde então eu vivi nesse costume mas eu aprende com os mais velhos ouvido as história contada por os mais velhos os mais velhos são nossos psicólogo, nos aconselho para que nos jovem não vamos pelo caminho rui, quando chegava o verão era minha felicidade para que eu possa tomar banho toda hora no rio eu ficava mais era no meio rio trepava numa árvore e pulava de lá de cima era uma festa para mim e um esporte subir e pular eu estou movimentando o meu corpo, o pai dizia que os antigos chegam uns cem anos por motivos disso que vivem nadando nos rios e comendo as comidas típicas e eles sempre tem o se guarda e escuta os mais velhos que eu não podia ficar dormido tarde eu tinha que acordar cedo não importavam se estava frio ou quente bem cedinho antes de as galinha descer do poleiro eu tinha que sair da cama e também pegar agua no rio e eu tinha que ir no trilho e de pé descalço sem chinelo sem nada mais isso e a educação que os meus estão dando pra mim isso ia me ajudar na minha vida e também e saúde para nosso corpo e pra nossa alma e fonte ficava bem longe da nossa casa davam trezentos metros tem um tempo que a geada ficava branca lá vou eu de pé descalço eu tinha chegar ainda em casa e fazer fogo de chão e depois esquentar agua para ele tomar chimarrão depois que ele levantar antes de o sol nascer eu tinha que está com a minha foice afiada para nós irmos roçar taquaral o que eu relembro muito e quando ele roçava em roda de mi fazia um circo e ele gritava pra mi assim “vamos você está no chiqueiro você não é porco que fica no chiqueiro ele falava assim isso” até agora me relembro ainda o que ele me falava. Quando nos homem roça com os mais velhos nós não podia ficar para trás e também o meu pai dizia que eu não podia deixar que os outros me passasse de e quando eu ficar rapaz se eu namorar uma moça o pai dela ia me desta primeiro para eu namorar com a filha dele o pai da moça ia fazer roçar primeiro para ver se eu sou bom de roça, se eu não sou bom de roça ai o pai da moça não ia deixar que a filha dele namorasse comigo. Então na minha infância eu aprendi muitas coisas boas. Mais esse foi

uma aula para mim também eu não podia está no meio deles quando chegam visitam em minha casa eu tinha que sair brincar com a minha irmã lá fora para que nós não ouvir a conversa deles que criança não podia ouvir as conversa de pessoas adultas, quando eles estão falando de coisas adulta, que senão eu ia aprender coisas de adulto.

Até na hora de comer comida, as crianças tinham regras, nos tinham que esperar primeiro os adultos tirar a comida e depois os mais novos iam, se as crianças se servir a comida eles iam ser punidos isso era as regras da casa não podia tirar antes dos mais velhos ou antes dos meus pais já me colocava de castigo. E nesse modo eu fui criado, antigamente as regras das famílias era muito rígido mais esse fazia parte na nossa cultura então eu sempre fui educado o que os meus pais me educarão.

O que eu fui ensinado também era que eu não podia sair sem pedir para a minha mãe, seja pra brincar com os outros meus colegas, então quando eu ia passear na casa dos outros vizinhos eu ficava só atrás da cadeira a no lugar que ele ficava sentada. Eu ia só brincar se a minha mãe me autoriza-se.

Eu cresci no meio da natureza naquele lugar me sentido livre igual um pássaro, aonde o meu pai eu ia estava perto dele em todo lugar na roça, ele me convidava eu já estava pronto para ir junto com ele seja no mato para matérias de fazer artesanato.

Quando ele ia na roça ou no mato para nós juntar pinhão para que eu aprender trabalhar, quando você ficar rapaz você não se preocupar para trabalhar, porque você logo vai ficar moço e vai querer casar aí você já sabe roçar ele dizia pra mim, você tem que ser igual seu pai ele dizia pra mim até agora eu relembro muito bem as lembrança. O tempo foi passando o meus pais ficaram mais de idade e o mato não seria muito bem para eles morasse no lugar a onde eles estavam morando, as lideranças e as equipe das lideranças se reuniram com os meus irmãos mais velho, entrarão discordo que os nossos pais não poderia mais morar no lugar a onde eles moram porque eles eram estavam com a idade muito avançado eles tinha que ir morar perto do mais recurso, que e perto do posto da saúde, para que ele seja cuidado por equipe da saúde, com transporte da saúde, porque a onde nós morava era muito longe, não tinha estrada para que a equipe da saúde fosse visitar nós não tinha estrada para o carro da saúde chegasse na nossa casa, a estrada que nos tinha era um carreiro no meio do mato, meus pais não queria vir morar na vila, claro que eles não ia se acostumar morar em lugar a onde tem as perto um do outro, mas eles tinha que vir porquê e ordem das lideranças, né o cacique comunicou as polícias para que eles isso buscar os seus utensílio doméstico nosso, de repente eu estava tomando banho no riacho com a minha irmã mais nova, nós ouvimos o grito da nossa mãe chamando pelo meu

nome “*konhko kune, ó régré fi mÿ mũnÿ ke, pã,ĩ ag tÿ eg gej kãmũ* (*konhko* venham, convidem a tua irmã e venham, as lideranças vieram buscar nós), carregaram as nossas mudança em cima num cavalo colocaram quatro cesto penduram dois cesto a cada lado e colocaram as nossas roupas e as panelas, pratos, colheres e levaram nos e as coisas no sede a onde ficam o escritório da FUNAI e espaço da Saúde, escola etc....

3 DE VOLTA PARA MINHA COMUNIDADE ONDE PASSEI A MINHA INFÂNCIA

Voltamos de volta para nosso lugar antigo eu tinha uns oito anos os meus pais não moravam no mesmo lugar eles iam para outro lugar assim nos iam porque eles não se acostumava no mesmo, os meus pais não se acostumaram no Posto Indígena a sede, por motivo do que eles nunca gostaram de morar onde tem morador perto um do outro, e também uns dos motivo é que eles não são acostumado morar a onde tem bastante moradores perto, também ali era muito movimentado, nesse lugar, meu pai já tinha melhorado de saúde e resolveu voltar para sua morada antiga, chegamos de novo no lugar a onde o pai e a minha mãe já estavam acostumado por muito tempo morando naquela localidade, da sua vida que se chama sá téj(cascata), eu e o meu pai e a minha irmã começamos construir uma nova casa feito de capim e folha de Coqueiro e taquara eu já era meio crescido já, bem grande, faltava escola para eu estudar o tempo foi passando que um dia os padre chegaram e construiu uma igreja católica e um galpão, o galpão seria para funcionar como escola para as crianças não ficar sem estudar e para que as indígena aprendesse escrever os seu nomes, era muito importantes para os padres, mais tarde os padres conseguiram uma professora não-indígena o nome da professora era Cecília Bagisck e também uma monitora indígena, o nome da monitora era Marisa Soares, não tinha fiscalização das secretaria da educação não tinha livros didáticas para os alunos, maiorias das crianças eram só pra brincar e comer merenda a aula era das sete horas da manhã e até às dez horas depois cada crianças tinham que ir pra casa deles e as casa ficavam muito longe das igreja também a casa da professora era muito longe ela tinha que vir de manhã no meio de muito orvalho e de umas botas nos pés se não ela ia molhar seu pés, eu não tinha nem um par de calçado para poder ir na aula, no inverno eu passava mais dificuldade porque eu não tinha nem roupa quente para poder ir vestido para escola.

Uns tempos um padre queria que meus pais me doa se para ele me leva-se com eles para cidade de Frederico Westphalen, RS para que eles formasse eu para um padre indígena eles iam me dar estudo mas os meu pais não quiseram, o meu pai falou assim para os padre que eu como

filho dele não era bicho para dar para os outros criarem ele, disse o meu pai, o que a comunidade ficaram desconfiado e por causa que os padres foram construir uma igreja moderno no meio do mato, em vez construir na aldeia aonde que tem mais população, mas o tempo foi passando que os padres abandonaram a igreja e o galpão que servia para as crianças estudar, a igreja ficou no meio do mato e foram destruído toda a igreja e tinha alguns moradores junto com nós por perto com aquela abandono da igreja e da escola todas as crianças ficaram sem aula principalmente eu também, mas eu tinha muito sonho de estudar, certo dia eu disse para minha mãe “mãe eu quero estudar ai a minha mãe aí ela dizia aonde que você vai estudar meu filho, ela disse a escola é muito longe melhor você se acostumando sem escola, fiquei muito triste com isso, aí eu comecei chorar muito quando olhei no meu lado eu vi o meu pai, ele estava chegando do mato com um quati nas costa ai ele disse pra minha mãe porque o *konhko* está chorando ele disse pra minha mãe, ai a minha mãe falou ele está chorando pra querer ir na escola e a escola e longe daqui agora tinha perto aqui mais os *péner* (padre) fecharam a escola, ai o meu pai disse pra minha mãe “mas Emília mais nós temos a irmã dele que mora lá na Vila Alegre, lá tem uma escola por perto, podemos levar ele lá pra *konhko* ficar perto da irmã dele a cada sexta-feira à tarde ele vem pra em casa e domingo ele vai de novo na casa da irmã”, fiquei uns tempo estudando e meus pais me tiraram de novo na escola a onde eu estava estudando e voltei mais uma vez, para a casa dos meus pais, sem alfabetizado, na época eu não sabia ainda ler e escrever.

4 A PROCURA DE UM NOVO SONHO NA OUTRA ALDEIA

Mas o meu sonho nunca acabava, de um dia voltar para sala de aula, ali um tempo os meus pais resolveram se mudar para outro lugar, aí uma prima minha convidou eles para que eles pudesse morar perto dela, na comunidade que se chama *fág sî* (Pinhalzinho) no município de Planalto – RS e fomos morar lá aí eles vieram buscar nossa mudanças de carroça, e nós fizemos uma de da madeira bruta eu pequeno tinha ajudar os meus irmão mais velho para cortar madeira no mato e cortar folha *ô féj* (elefante) e folha de *tênh féj* (Coqueiro) para poder fazer a nossa casa, enquanto nos coloquemos as nossa mudança embaixo numa árvore um pé de bambu, mas aí eram dezessete horas nós já terminamos a nossa época o meu pai já era bem velhinho e bem doente ele tinha sofrido derrame e tinha perdido o movimento do um pé direito e da sua mão, então eu era o homenzinho da casa eu que tinha que fazer de tudo que era pra fazer, a minha mãe não era de muita idade ainda naquela época só o meu pai já era bem velhinho ali na outra semana a minha mãe foi na escola que eu ia voltar estudar de novamente, o nome da

escola era Escola Estadual de Ensino fundamental Sepé Tiaraju da aldeia Pinhalzinho de Planalto – RS e a escola era muito longe.

O nome do meu professor era Lair Santim, ele dava aula para toda turma tinha turma de manhã e à tarde eu estudava na parte da tarde, eu tinha que caminhar uns três km, para poder chegar na minha escola, quando chovia ai eu sofria mais por causa do barro e meus pais não tinha vida financeira boa, eles não tinha condições de comprar uma roupa quente para mim tem dia que eu ia de pé descalço e com camiseta com manga curta e de calção, ficava mais ruim era no inferno, nem material escolar quase eu não tinha para escrever, quando eu já estava quase aprendendo ler e escrever, eu não sei o que se deu com a escola naquela época, de repente alguns dia o professor nos avisou na hora da aula dizendo que nós não iam ter mais aula naquela escola, por motivo que a escola ia fechar que que não tem professores para dar aula pra todos(as) que só ele não poderia dar aula para todos alunos, pra nos avisar nossos pais que pra eles acharem outra escola para que nós podemos estudar de novo, tinha que ser na Vila Cruzeiro ou na Vila Aposentado que tem escola mais perto da Aldeia mais só que a Vila Cruzeiro e Vila Aposentado não é Aldeia e uma escola não-indígena ai não daria certo para os alunos irem estudar nessa escola. Dali um tempo meus não queria ficar mais na aldeia indígena *Fág sã* (Pinhalzinho).

Mais uma vez voltamos para Aldeia indígena de Nonoai. Agora na aldeia indígena Vila Alegre, ali as lideranças deram uma casa para nós morar, era uma casa rodeado de madeira e o soalho era de chão batido coberto de telhado de barro, mas nesse lugar era mais melhor porque tinha escola perto que o nome da escola era Escola Estadual de Ensino Fundamental Cacique Nonoai. Dali uns dias minha mãe foi na escola me matricular na primeira série, era primeira vez que eu iria me alfabetizar na minha língua materna, o nome do meu professor era Luiz Emilio os alunos chamavam de professor Luiz, a escola era feita de tábua e o assoalho tinha a metade de assoalho de tábua e a metade era de chão batido, lugar que nós ficamos mais morando era na Vila Alegre.

As duas minhas irmãs se casaram e ficou só a outra mais nova que está em casa com os meus pais, eu tinha treze anos naquela época, eu estudava de manhã e de tarde eu tinha que trabalhar, o meu trabalho era de puxar lenha de metro que nos chamava naquele tempo eu era menino que gostava de fazer serviço de um adulto porque eu foi criado nesse costume da minha tribo, na minha família nós somos em três irmão homens e duas irmãs mulher aí eu fazia de tudo cortava lenha roçar pegar taquara para fazer artesanato para nos ir comercializar para nosso sustento naquele tempo comercializava mais era na colônia. Ia eu e minha mãe vender os nossos

produto, nós colocava os *vãfy* (balaio) nas costa e iam vender quando já é final do dia lá nós chegando com a minha mãe trazendo alimento para casa tinha galinha, ovos, queijo, banha, e açúcar de cana, o tempo foi passando o meu pai fica cada vez mais doente, e o peso da casa ficava cada vez comigo, aí nós saímos no nosso lugar, fomos morar mais um menos 1km dali fizemos uma casa de capim rodeado de lona preta e o chão era batido, a minha irmã mais já tinha casada estava só eu com meus pais eu era tudo pegar lenha no mato puxar água no rio, buscar a nossa verdura, que são *kumi* (folha da mandioca brava), *o fuva* (erva moura), *krunũn*, *pyrfé* (folha de urtiga brava) também pegar a fruta no mato era nossa preferida do dia era *jũmĩ* (pitanga), *pěnvã* (gabiroba), *něr jór* (cerejeira) nossa comida no mato tem bastante vitamina para que a gente viva mais e ter mais saúde, por isso que naquela época que eu era pequena o meu era difícil ficar doente, quando eu fiquei mais grande que nós já começamos comer a comida que é nosso e o pai ficou doente porque ele não comia mais às comida típicas porque que ele comeu as comida dos nossos amigos não-indígena não tinha mais as nossas comidas que tinha antes quando eu era pequeno ai o meu pai já tinha começado a tomar os remédio da farmácia, não tinha mais os nossos remédio do mato que são nossos remédio medicinais. Eu ajudava a minha mãe colher os remédios do mato para que ela guardasse, usasse quando precisasse quando nós ficássemos doente, para nos tomar. Gostava muito de fazer armadilha de pegar pássaro e animais a minha preferida era laço, e arapuca, etc.... eu ia brincar na mata e aproveitava para pegar frutas no mato. O que eu amava era quando era época de frutas amadurecer eu vivia me perdendo no meio do mato atrás de frutas, procurando frutas madura, eu não deixava amanhecer bem o dia que o *konhko* no meio do mato a procura as frutas e eu estava sempre procurava as de baixo do pé de gabirova ajuntava as frutas madura no chão, com a minha vasilha que é feito de taquara que a minha mãe tinha feito para nós dois para mim e para minha irmã, depois de juntar eu e minha irmã tinha que levar para o meu pai, eu vivia felizes no meio da mata se alimentando com as frutas.

Eu vivia tranquilo com a natureza, naquela época a nossa liberdade e tranquilo, só ouvido os cânticos nos pássaros e ouvido o barulho dos riachos, na minha infância era muito tranquilo convivendo sem se preocupar com o dia de amanhã, isso era muito legal quando eu achava uns pés de fruta nativa já estava feita a minha refeição.

As frutas naturais são mais melhores que compramos no supermercado, o que nossos mais velhos falam que tem mais vitamina principalmente o *mě* (jaboticaba), *pěnvã* (gabiroba), *něrjór* (cerejeira), *kugrėj* (reticun), *řej* (joa). E também da li uns tempos meu pai comprou um cavalo para que nos usa-se como meio de transporte para vender nossos artesanatos no interior para

nós se alimentar. Ai quando minha mãe fazia artesanato nós saíamos vender pra mim era só alegria porquê? E também para que eu possa aprender fazer os artesanatos.

Ficava sentado perto dela para olhar bem como ela fazia para que eu possa aprender fazer também, dali um tempo eu tentei fazer o balaio que se chamava *kréjan* (balaio de arco), a primeira que eu fiz não estava bem feito ai a minha mãe dava risada que meu *kréjan* parecia com canoa, mas assim eu ia vender com a minha mãe num lugar que se chamava Santa Isabel na cidade de Rio dos Índios-RS, nos leva nossos artesanato com o cavalo que meu pai tinha comprado colocava os nosso balaio em cima do cavalo nos se mandava para vender nosso artesanato, nós saia com a minha mãe bem de manhã quando os galos cantavam nem era dia nos tinha sair para vender os nosso artesanato.

5 DE VOLTA NA ALDEIA INDÍGENA VILA ALEGRE (POSTO INDÍGENA NONOAI)

Mais uma vez nós voltamos para aldeia indígena Vila Alegre que pertencia para Posto Indígena a Nonoai-RS era assim que era os meus pais eles não paravam nem um lugar por motivo disso que um nunca terminar o meu estudo eles não tinham lugar fixo para morar. Ai os filhos deles não tinha como concluir os seus estudos.

Então eu não tive essa a oportunidade de concluir o meu estudo, mas eu tinha o meu sonho, de um dia de concluir o meu estudo para que eu possa ser alguém na minha vida, e alguns tempo de conseguir um emprego melhor para me sustentar e também a minha família. A única pessoa da minha família que eu queria ajudar era a minha mãe, porque ela era tudo para mim e também e os meus irmãos, e também a minha irmã menor que é a caçula da nossa família. Mas antigamente os mais velhos não se preocupava com os estudos dos filhos mais o tempo foi passando que eles se preocuparam com os estudos dos seus filhos.

Ali um tempo foi passando, que eles viram que sem o estudo não dava para sobreviver porque as nossas matas foram destruídas tudo, que era nossa fonte de sobre viver. Os nossos rios ficaram doente não dava mais pescar porque os nossos rios estão pedidos socorro. Ali que os nossos pais ficaram muito preocupado com os estudos dos seus filhos com a mudança do nosso país que eles viram que sem os estudos não poderia viver.

O Ensino Fundamental e terminar o meu Ensino Médio e até um dia chegar no Ensino Superior, mais e bom sonhar e nunca desistir do que a gente sonha, e cada vez mais eu ficava rapaz.

Eu já tinha uns onze anos nessa época mais eu nunca pensei de deixar de sair de casa e eu sempre do lado da minha mãe que se chama-se Emília Candido da Silva e o nome dela em indígena é *Věnjã*, e o nome do meu pai é Antônio Rodrigues Fortes e o nome dele em *kaingang* é *Krégnĩ*, que nem o meu pai dizia pra mim quando você vai caçar,”

Tu tens que ficar uns cinco dias longe das meninas porque se não iria bem na sua caçada ele me dizia e também os bichos vão sentir o teu cheiro de você”, e também os homens não podia deixar da sua mulher.

Passar em cima da gente, se não os homens ia ficar preguiçoso. Seja adulto ou adolescente não importa a idade, e mesma coisa ele fazia para minhas irmãs elas também não podia ficar sentada na porta se não ela ia ficar sem casar e os pessoal vão ficar fazendo fofoca delas, então com o meu pai eu aprendi monte de coisa boas e depois para poder pescar eu tinha que pegar um peixe eu tinha que cozinhar numa panela depois de cozido eu tinha esperar esfriar o caldo do peixe, depois de esfriado o caldo eu tinha tomar banho com caldo do peixe para que eu posso ter sorte de pescar e depois para que quando os meninos brigar com os outros não vão poder segurar ele fica liso ai eles não vão poder segurar ele.

As meninas também tinham que fazer isso, e tinha que raspar a taquara e depois tinham que pegar a casca de taquara do que raspam e ponha dentro de uma folha de caeté(*nĩ*), e depois ponha dentro do fogo até ficar bem torrada, para passar no braço para que elas aprendem - se fazer o artesanatos, quando elas ficar adulta.

Então a maneira de nós *kanhgág* somos assim isso é a nossa cultura nós não podemos deixar que as *gĩr kāsĩr*(crianças) deixe a sua cultura, essa maneira eu foi criado na minha infância mas eu aprendiam com os meus mais velhos, aprendi agora isso também ficou como lição para que eu ensina os meus filhos no futuro, e também ensinamos nossas crianças para que seja uma pessoa honesto quando fica adulto.

Ensinar para aprender trepar no pé de uma árvore, para que uma criança indígena aprendesse trepar num pé de uma árvore, a criança tinha que pedir licença para o pé de árvore, porque iam acontecer algumas coisa de rui iam acontecer com quem está trepando, que pedir desculpa também era muito importante porque? a natureza tem o seu espirito. Nós podemos subir no pé de árvore porque a árvore tem espírito se não pedir autorização, vai acontecer alguma coisa rui ou podemos cair do pé ou o galho possam quebrar com quem está trepado no galho dele, e também na época de matar peixe eu ficava mais feliz para eu pudesse brincar no rio, o meu pai e a minha mãe ia na frente, e nós crianças iam depois, por que eles tinham pedir

autorização para os espírito da água, para que nós pudesse matar os peixe, se eles não pedir autorização, ia acontecer alguma coisa com a gente.

Depois que o meu pai e a minha pediram autorização para os espírito da água eles nos chamam, que nós podemos ajudar eles puxar o remédio que iam matar os peixe, nós tinham que puxar nas costa aqueles feixes de cipó, trazer até o rio depois de uns duas horas que colocaram remédio no rio os peixe começam começar morrer mais quando os peixe estão morrendo nós não podia ir na beira do rio.

E a minha mãe e as minhas irmãs faziam os cestos para nós depois ajuntar os peixe, depois de quatro horas o meu pai já avisavam para ajustar os peixe que já estava pronto para ser consumido, que os peixe já tinha morrido.

E também para que os peixe possam morrer homem não podia deitar com a sua esposa, se não os peixe não iriam morrer, e quem tem mulher grávida não podia ficar ajudar e também não podia ficar na beira do rio, nos crianças felizes para ajuntar os peixe para nós alimentar e matar a nossa fome todas minhas irmãs felizes com aqueles peixe depois de juntar todos os peixe já era hora de nós assar na folha de caeté os peixe na brasa, para comer com *mrénh ki ĩmĩ* (bolo na cinza).

Nós ficavam felizes, iam correndo no meio da mata para pegar a folha de caeté(*nỹ*) para que nós podemos assar os nossos peixe para nós se alimentar, assim nós eram felizes com a nossa vivências, com a natureza, que a natureza faz bem pra nossa alma, para esquecer os problemas da vida, gosto muito da minha infância que eu vivia naquela época.

E também o meu pai gostava de tirar palanque para fazer cerca para os animais. Ele tirava para vender para os criadores de gado, eu ali com ajudando cortar as madeira e depois eu tinha que ajudar puxar nas costa, eu tinha que colocar um pano de roupa no meu ombro para que não machuque o meu ombro, eu tinha serrar com serrote, eu, aquele menino que estava sonhando de estudar e ser alguém na vida.

5.1 ROÇA COMUNITÁRIA PARA A COMUNIDADE (PANELÃO)

Eu estava brincando no meio do mato perto da minha casa, de trepar na árvore, a minha mãe me chamou-se que era pra eu ir com ela que ela ia me contar algo, eu fui e cheguei lá na casa a minha mãe falou pra mim que eu tinha que ficar na casa da minha tia para poder ir na aula, que eles tinha que ir para tal puxirão ai eu perguntei pra eles o que é puxirão aí ela explicou que os homens ia roçar com a foice e as mulher iam fazer comida para os que estão roçando o

meu pai e os meus irmãos mais velhos tinham que ir também. Enquanto os homens mais velhos roçavam as mulheres faziam comida para eles, nos crianças ficavam brincando de trepar nos pés de árvores, chegavam a tarde todos tinham que voltar para suas casas, e no outro dia todos tinham que voltar novamente para a roça, quem não vier as liderança tomava providencia, e tinham que ser punido.

Toda comunidade tinha que trabalhar, quem tinha crianças pequenas, tinham que levar junto as esposas que não tinha criança pequeno no colo tinham que ajudar fazer comida para os homens que estão trabalhando.

Eu tinha que ficar com a minha tia, porque eu tinha que estudar, eu estava cursando terceira série com doze anos de idades eu não avançava no meus estudo era por um pouco é que eu também tinha sair da aldeia para vender artesanato com a minha mãe, porque que a minha mãe não tinha companheiro(a) para ir junto na cidade vender seu artesanato para que nos poder se alimentar na aldeia não dava mais achar nossas comida típicas, os fazendeiro em roda da nossa aldeia já tinham terminado as nossas comidas típica com o venenos que passava nas granjas de soja e milho e feijão, e os rios que estavam perto da aldeia já estava contaminado com os veneno, ai não podias pescar os peixes, os peixes estavam contaminado com venenos.

O motivo era que a nossa família não tinha nada pra se alimentar na nossa casa aí nos tinha que tinha que ir vender os nossos artesanatos, para nós se alimentar no dia-dia, ai nos tinham que vender as nossos artesanatos na cidade vizinha ou na outras cidades. Nos iam na cidade de carazinho- RS, Soledade, etc... até no Estado de Santa Catarina e Paraná, mais nessa época eu já tinha uns dezessete anos. O tempo foi passando que o meu pai não quis mais que eu volta-se estudar, o tempo foi passando e eu cada vez mais velho, foi indo que meu finado pai ficou mais doente e chegou falecer.

5.2 MUDANÇA DE RESIDENCIA PARA A SEDE (POSTO ÍNDIGENA NONOAI)

Naquela época eu tinha eu tinha uns quatorze anos de idade, mais eu não importava com a atitude dos adultos já foi criado nessa maneira mais uma vez nos se mudando, quando nós se mudamos para o Posto Indígena com a minha mãe e a minha irmã, saímos da nossa residências atual para que nós podemos ficar mais perto do recurso melhor, morava e foi morar na sede que se chama Posto Indígena Nonoai, que fica o escritório da Funai que toda comunidade fazias os documentos Registro da Funai, encaminhava as aposentadoria das pessoas quando ficam de idades de aposentar.

E também tinha um Posto de Saúde a onde tinha enfermeira que atendia quando alguém ficava doente, ficamos morando numa casa bem grande que se chamava mangueira que antes as lideranças criam gados para a comunidade, que ria usado para matar os gados, no dia dos índios.

Ainda eu relembro bem que no dia do índio cada família tinha que cortar espeto aí eu pegava facão e ia no mato tirar espeto, família que não tirar espeto as lideranças chamava atenção, ou também ficariam sem carne.

No Posto Indígena (SEDE) quando chegava o dia do índio toda comunidade tinha que mandar algum da família para fazer limpeza, eu que era o único homem da casa eu tinha que ir fazer o que as lideranças pedirem. E tempo foi passando que nós ganhamos uma casa de madeira, era feito de madeira e coberto de telha de barro.

Dali um tempo a comunidade foram reivindicar uma terra que ficava do lado da aldeia, era do um agricultor mais poderoso da região, ele era o prefeito da cidade de Nonoai, naquela época antigamente era nossa território mais os agricultores foram tomando o nosso território, aquela região quando nós estava tomando chimarrão eu e a minha mãe, as policia chegaram avisando que todos tinham que se acampar no trevo que chamava, aquele lugar seja crianças, jovens e mulheres com bebe do tudo tinham que participar do mobilização se não quem não isso as liderança tinha que chamar para saber por causa do que não foram tinha justificar. Ai a minha mãe disse o *konhko* você tem que levantar as quatro horas da manhã as polícias avisaram que os homens e os jovem tinham que está lá no protesto deles ai eu tinha que dormir mais cedo para que eu pudesse acordar mais cedo antes de o sol raiar, quando eu levantei de manhã as policia já estavam na porta da casa, lá eu já tinham que que ir eu peguei um prato e uma colher e um copo para comer comida.

Antes de o sol nascer para fechar as estradas que vai a cidade ne Nonoai a Rio dos Índios. Ai eu levantei era uns quatro da manhã, peguei minha blusa e fui até a casa do major, quando cheguei lá já estava cheio de gente pronto para ir até perto da cidade para fechar a estrada, ai eram uns cinco horas da manhã já fomos até no local que nos iam fechar a estrada.

Cheguemos lá tinha um que derrubaram um pé de madeira e puxaram com trator da comunidade e atravessaram a estrada dali apouco começou aparecer o sol, já vieram as policia e jornal local, eles queriam saber do que a comunidade estava reivindicando.

Aí tinha um que era responsável de atender. Quando clareou o dia já estavam chegando mais família vindo de trator a carreta estava cheio de gente com a suas mudanças e a minha mãe

também estava encima, descerão no trator comerão fazer seus barracos fecharão as escolas na comunidade para que todas as crianças pudessem acompanhar seus pais lá.

Enquanto os a comunidade ficava ali na barreira que a comunidade colocaram um troco de madeira aguardando a resposta dos líderes que foram pra Brasília, a comunidade esperaram a resposta das lideranças que foram mais nada de resposta, a comunidade tomaram decisão que melhor cada família fizesse as suas barraca de lona preta, ai o que estava representando a comunidade no movimento foram para cidade de Nonoai comprar lonas e alimento para quem estão no local movimento, daí umas horas eles chamaram todos os pessoal que estava no acampamento para cada uma família pegar uma lona para fazer os seus barracos para suas famílias que poderia permanecer ai no acampamento que não era pra ir para suas casas.

Eu era único homem da casa então eu peguei uma foice e um facão para tirar madeira para armar a nossa barraca, daí umas horas a nossa barraca já estava pronto para morar, ais a minha mãe foi avisar as lideranças que eu já tinha terminado a nossa barraca, ai as liderança deram alimentos para ela, ai nós não tinha panela para nos fazer a nossa comida ai o meu tio tinha um cavalo ai a minha mãe emprestou para que eu possa pegar as panelas e os pratos e nossas cobertas.

Nos Posto que nós chamavam comesse esse nome, ai eu tinha que ir porque o único homem era eu lá vou indo em cima do um cavalo si era uns quinze horas da tarde para pegar nossos objetos, cheguei no Posto era uns sete hora da noite, mais eu tinha que voltar de novo para a nossa barraca que os pessoal estão acampado, na vera da estrada a que os pessoal estava protestando.

6 A MINHA VIDA DE ADULTO NO POSTO INDÍGENA

No posto indígena, eu comecei a minha vida adulta. Esse Posto é uma vila que a tem umas casas formado de fileira dos dois lados, tinha uma rua no meio ali tinha as regras que cada jovem tinham as leis interno que cada morador tinha que respeitar.

Também tinham as lideranças, o capitão e o major, e conselheiros, sargento, e seus policiais, para cuidar a sede que os jovens não podiam passear de noite sozinho pra poder caminhar de noite no sede tinha que está junto com os pais ou com pessoa mais velho. Uma noite eu estava indo para a casa do meu tio de noite, eles me viram e perguntaram para qual lugar eu estava indo “ ai eu falei que eu estava indo na casa do meu tio, mais as policias não queria saber eu tinha que me explicar para o capitão, daí chamarão a minha mãe e perguntaram se era verdade do que eu estava falando paras os policiais” ai a minha confirmou que era

verdade, que foi ela que tinha me mandado aquela horas, mais o capitão falou que ele não queria mais ver eu outra vez naquelas horas de novo na rua.

Mas eu não estava caminhado pela minha vontade, era pela vontade da minha mãe ela tinha me mandado para eu pegar os balaios dela que ela tinha deixado na casa da mulher do meu tio, e por que eles tinham medo que alguém está caminhado de noite pra fazer mal a comunidade, e os rapazes e as moças não podiam também namorar pelo escuro se as policcias achar a moça ou rapaz no escuro namorando as policcias já prendiam na cadeia, no outro dia o capitão já chamava os pais dos dois, e já perguntavam paras os pais que eles tinham que cuidar mais deles se a moça ou rapaz gostam um do outro, já faziam eles casar.

Nem que os pais são contra do casamento, se o pai ou a mãe não quer ele tinham que ser punido na cadeia ou colocado no tronco de madeira, se fazer alguma coisa de era nem que não praticasse alguma coisa de erado, o castigo era tudo igual pode para as moças e moços também, passou das oito horas eles não queriam ver ninguém na rua fora de horas no meio da sede, era ordem do capitão.

Para que eu poso andar fora de horas eu tem que estar com pessoas mais velhos ou com uma pessoa que tem família. Toda comunidade tinha de respeitar as regras da lei as leis quem faz e o cacique para que as lideranças locais aplicassem na sua comunidade, que pertencem.

A aldeia de Nonoai tem vários setores, tem o setor Vila Alegre, Setor Capinzal, setor Cascata, setor Bananeira, setor Pinhalzinho, etc..... ao total tinha nove setores mais a sede ficava mesmo no Posto Indígena Nonoai, o cacique morava no setor Bananeira de lá que ele dava as ordens para seu capitão de cada setores das comunidades.

Na sede do Posto Indígena tinha uma escola de educação de ensino fundamental, e um Posto de Saúde, escritório da Funai o escritório era para nós indígena fazer documentação dos nossos filhos quando nasce ou montar processo de encaminhamento de maternidade, ou de aposentadorias. O chefe ere não-indígena.

Mas eu nunca dei dor de cabeça para minha mãe eu sempre ouvia, os conselhos dela, mas eu sempre escutava o que ela me falava, ela nunca ficava sem me aconselhar que era pra eu ir no caminho bom, me aconselhava sobre a minhas marcas eu tinha que respeitar as minhas amigas que são do mesmo da minha marca, ai nos saiam vender artesanatos eu era rapaz mais eu escutava muito a minha mãe, porque o conselho dos mais velhos leva a gente para um caminho melhor, o que a minha mãe falava pra mim que eu ia me dá bem na minha vida, eu me criei nessa forma de educação, e educado, então ficou conselho bom e o que ficou marcado na minha memória é que nos jovem tinha horário de caminhar ou passear nas casas do seus amigos

não podia caminhar no meio na nossa comunidade que é do posto indígena, a comunidade geral tinha respeitar as ordem das nossas lideranças, tinha as regras que nos poderias respeitar principalmente de noite não importa a idade do membro da comunidade na naquela época eu tinha uns dezoito anos de idade, mais sempre ficava com a minha mãe, para ajudar do serviço de casa e também trabalhar para os nossos vizinhos.

6.1 A VENDA DE ARTESANATO NA CIDADE DE SANTA CATARINA.

Numa época eu fui vender artesanato em Santa Catarina, eu tinha uns dezenove anos de idade, mas eu nunca tinha indo vender artesanato sozinho, eu ia vender quando eu era mais pequeno com a minha mãe. A minha mãe disse agora você vai vender junto com o teu cunhado, falou assim que eu já era adulto, ai guardamos os nossos balaios e fomos na rodoviárias de Nonoai eu e o meu cunhado chegamos na rodoviária fomos tirar a passagem e tinha uma vaga de poltrona no ônibus, ai o meu cunhado me disse pra mi você vai na frente que eu vou pegar o ônibus até a cidades de Joaçaba de lá eu vou atrás de você, eu emarquei no ônibus que ia para cidade de Foz de Iguaçu, era meia noite que eu sai de Nonoai, no outro dia cheguei a o meu destino.

E era primeira vez que eu estava viajando para cidade grande e sozinho, na minha vida eu ia vender artesanato mais era com a minha mãe, pra mi aquela cidade era um mundo sem fim, mais eu não podia fazer nada eu tinha que me conformar, não podia voltar de volta para minha aldeia, não tinha dinheiro para comprar a passagem de volta, mais eu fiquei naquela que o meu cunhado ficou de viajar atrás de mim até a cidade de Foz de Iguaçu, mais nada dele e quando eu estava preocupado chegou perto de mim um guarda da rodoviária perguntou pra min que eu estava vindo no qual lugar, ai eu reponde ele que eu era indígena que a minha aldeia ficava em Nonoai-RS e também o meu cunhado estava vindo atrás de mim, então ele disse que eu não podia ficar na rodoviária, mais se e assim eu podia ficar uma semana na rodoviária vendendo meu artesanato até que o meu cunhado vem, mais nada dele ai fiquei vendendo meus balaio até uma semana, depois eu fui para a cidade de Medianeiras-SC era num dia de frio, puxei os meus balaio até na plataforma que o ônibus ia ficar.

Com aquela tristeza só eu na aquela cidade, imensa longe da minha família, e da minha aldeia ou talvez acontece algumas coisas rui acontecer comigo mais àquela hora eu pedia para o meu *Tupã* (Deus), para ele me cuidar e me guiar a onde eu ir. Chegou a hora de embarcar no ônibus, eu de novo viajando para cidade de Medianeiras, cheguei na cidade de Medianeiras eras

uns sete horas da manhã, desci do ônibus tirei meus artesanato no bagageiro do ônibus, e guardei perto do um restaurante, na rodoviária fiquei pensando que a onde eu ia ir àquela hora, olhando pros meus lados estava vindo uns dois guarda se aproximou perto de mim perguntaram pra mim o que eu estava fazendo naquela cidade, eu responde eles que eu estava vendendo meus artesanatos ai eles falaram que eu não podia ficar naquele local que era proibido ficar com artesanato que era ordem do administrador da rodoviária, ai eu pensei o que eu vou fazer agora meu Deus! com as minhas mão na minha cabeça, muito triste e eu sem a passagem pra ir no outra cidade que eu podia ficar pra eu vender meus artesanatos.

Ai venha na minha mente que um dia umas índias foram vender balaio na cidade de Lages-SC aí eu falei para os guarda que eu ia vender meus artesanatos até o final da tarde para que eu posso vender alguns artesanato para fazer a minha passagem para eu poder ir no outra cidade. Aí eles aceitaram que eu podia ir vender que eles iam ficar na rodoviária até meia noite que também eles iam cuidar meus artesanatos.

Ali eu fui vender até a tarde eu vendo oito *vỹfy téj* (balaio de tampa), era umas quinze horas eu já tinha vendido todos os balaios que eu tinha nas costas, voltei para rodoviária e as minhas coisas está amontoado no mesmo lugar que eu tinha guardado. Mais os guarda vieram para minha direção, perguntado para mim se eu tinha conseguindo a minha passagem para ir para outra cidade ai eu respondi que eu consegui, fui a onde eles vendia passagem para a cidade de Lages-SC, ai eu perguntei para a atendente da rodoviária se tinha ônibus para a cidade de Lages ai ela me respondeu que tinha iam sair as vinte horas da noite, eu tirei a passagem fiquei aguardando chegar a hora de o ônibus encostar na rodoviárias.

Chegou a hora de embarcar mais uma vez de novo, eu mais uma vez viajando para a cidade de Lages, quando o ônibus chegou na rodoviária na cidade de Joaçaba-sc, lá o meu cunhado na rodoviária no meio dos balaio dele dormindo, me deu uma raiva com ele, porque mentir pra mi que ele eia atrás de mim em Foz de Iguaçu, cheguei no outro dia de manhã quando o sol estava raiando o ônibus estava encostando na rodoviária da cidade de Lages, quando o ônibus encostou eu desci tirei meus balaio outra vez no bagageiro do ônibus, tirei tudo e levei meu balaio num canto da rodoviária, só guardei meu artesanato num canto eu fui nova mente vender meus artesanato, quando eu cheguei na rodoviárias só eu sentei numa bolsa de plástico que eu tinha ganhado uma doação que eu tinha ganhado, cansado com cabeça pensando na minha mãe que eu tinha deixada na minha aldeia, e ela era já com a idade bem avançada e vivia doente, quando observei do outro lado já era uns oito hora da noite, me aproximaram cinco guarda da rodoviária, me chamaram e eu me levantei fui a direção deles e me perguntaram que

a onde eu ia ir com meus balaios, ai eu falei que eu ia ficar na rodoviária para vender os meu artesanato.

Ai o outro guarda disse que eles não querem ver balaio de índio no interior da rodoviária que os meus balaio estavam estragando a imagem da rodoviária, ai eu disse mais como eu vou ficar na rua, e eles me falaram que eles não queria saber eu tinha que sair dali.

E eu fiquei muito preocupado eu não tinha ainda vendido nenhum dos meus artesanatos ainda, aí eu falei pra eles que eu não tinha vendido ainda que eu tinha chegado não fazia muitas horas ainda, aí outro guarda disse que o administrador da rodoviária ia me pagar a passagem de volta.

Ali eu falei para os guarda, então si é assim eu vou sair da rodoviária, com os meus balaios, ali eles faram que era pra eu guardar as minhas coisas, que o administrador da rodoviária ia pagar a minha passagem até a onde a rodoviária ia me aceitar com meus balaio, ai fiquei sabendo que tinha índio na rodoviária de Curitiba-SC ai a rodoviária me deram passagem até Curitiba, eu embarquei no mesmo dia para a cidade de Curitiba.

Quando cheguei na cidade de Curitiba eram uns dez horas da noite, quando o ônibus encostou na rodoviária de Curitiba olhei no fundo eu vi uma índia mais velha sentado num banco de madeira, eu fui direto nela, e perguntei pra ela qual aldeia que ele morava ele me respondeu que era da aldeia de Mangueirinha-PR ai ela falou que tinha um acampamento de índio do outro lado da rodoviária. Aí me convidaram para ir no acampamento cheguei lá e me ajudaram puxar minhas coisas que eu tinha ganhado de doação e os meus balaios.

7 CONSTRUÍDO A MINHA PRIMEIRA FAMILIA NO POSTO INDÍGENA (SEDE)

Quando eu tive a primeira esposa eu já tinha uns vinte anos de idades, a mãe do meu filho mais velho, Bruno Fortes, nos se conhecemos numa festa do índio, e teve festa na comunidade, e a noite teve baile e nesse momento que eu conheci ela, e ficamos namorando no salão e eram uns dez hora da noite ela me convidou para irmos tomar agua atrás do salão, e nos nem percebemos que as polícias estavam cuidando nos, quando nós passamos atrás do salão, eu vi aquela clarão de facho de fogo que clareou no do nosso lado e perguntaram para mim a ondem nos estavam indo, ai eu respondi que nos estavam indo tomar água, ai outro policial perguntou se tinha gente mais velhos junto com a gente ai eu falei não, nós tinha que ser punindo por isso.

Mais tempo não deu certo o nosso casamento, fomos separados mais nos tinha que ser punido na aldeia, ficamos trinta dias na cadeia, nós fomos punidos e depois cada um de nós seguimos nossos destinos.

Em 1995 eu tive o segundo casamento com Dionara da Rosa e em 1996 nasceu o nosso filho, alguns tempos nasceu nosso primeiro filho, mais ainda eu não tinha concluindo os meus estudos, quando eu tive a minha família aí que eu achei falta do meu estudo.

Ai a minha mãe falou pra mim que eu tinha que voltar estudar, que o meu estudo ia fazer falta e ela já estava bem velha, que um dia ela tinha que partir para o céu, para descansar que se eu não tiver estudo como eu ia viver e criar a minha família, para dar comida para meu filhos, também com que eu ia me sustentar, se não ela não ia descansar em paz o dia que o Tupã chamar ela, aquele tempo ela já andava bem doente. No ano de 1997 voltei a estudar novamente, ela me comprou uma bicicleta com a aposentadoria, que ela era aposentada por idade e a pensão por morte do meu falecido meu pai, para que eu voltasse a estudar, na cidade de Nonoai-RS. O nome da escola era Escola Estadual de Ensino Médio Maria Dulcina, eu tinha vinte e oito anos, naquela época.

Ai voltei pra sala de aula mais uma vez com vida adulta, depois de adulto, comecei estudar na quinta série do Ensino Fundamental, mais o meu sonho era de concluir o meu estudo, ai ficava mais difícil de ir todas as noites era muito longe para sair da aldeia até a cidade de Nonoai, eu tinha que ir de bicicleta de noite era muito ruim, pois eu tinha atravessar três quilometro de mato, mais uns quatro quilometro de estrada no meio da fazenda e tem dia que chovia muito eu não ia pra aula ai chegava o final do ano eu reprovava por falta.

A minha saída da escola era, as dez horas da noite e chegava em casa a meia noite e meia, quando eu chegava em casa eu olhava pra casa da minha mãezinha ela lá me observando pela janela, eu dizia pra ele mãe o que a senhora está fazendo essas horas da noite, ela me respondia que estava me aguardando eu chegar que ele tinha medo que alguma coisa ia acontecer comigo.

Eu tinha só um par de tênis, pra ano toda, eu ia em frente, mais assim eu fui em frente, mais na cidade de Nonoai, eu desisti pôr a escola era muito longe, ai ficamos sabendo que na cidade de Rio dos Índios-RS tinha um ônibus estava levando pra escola de Rio dos Índios, ai a minha mãe falou pra mim”pra que você não vai na escola de Rio dos Índios”.

Mais pra Rio dos Índios eu tinha que pagar o transporte, aí a minha mãe achou melhor eu estudar na cidade de Rio dos Índios que ele ia pagar o transporte, depois que eu reprovei eu sai na escola Estadual de Ensino Médio Maria Dulcina, fui estudar na Escola Estadual de Ensino

Médio Romano Padoan na cidade de Rio dos Índios no ano de 1998, conclui o Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos.

Em algum tempo a minha mãe faleceu, eu tinha que vir atrás dos meus irmão e as minhas irmãs na cidade de São Leopoldo que residia nessa cidade e também eu não tinha mais como sobreviver na minha aldeia natal, já não tinha mais aquele natureza e os rios já estava poluído, eu não podia mais pescar e melar mel ai eu tinha que vender os meus artesanato pra poder sustentar a minha família.

8 A PRIMEIRA CHEGADA NA CIDADE DE SÃO LEOPOLDO

Em 2000 eu fui vender artesanato na cidade de São Leopoldo-RS fui eu e a minha esposa e os dois filhos mais velhos, ainda não tinha aldeia indígena, tinha acampamento dos índios, fiquei no acampamento mais o menos sete meses dentro desse meses que eu fiquei o cacique do acampamentos me convidou para trabalhar com a comunidade como professor.

Ai eu aceitei, no outro dia o cacique me convidou para ir na 2º CRE de São Leopoldo, fomos de manhã, o cacique já tinha agendado com chefia da 2º CRE chegamos lá fomos numa sala que estava reservado, para receber as equipe das lideranças, quando o cacique Darci Rodrigues Fortes falou que a comunidade indígena de São Leopoldo estava precisando de um professor Indígena, a responsável pela educação falou para o cacique Darci que a secretaria da educação não tinha dinheiro para contratar um professor indígena só pra comunidade só se o cacique pagasse com seu próprio dinheiro, que não tinha uma pessoa da aldeia formado para ser professor.

Aí o cacique disse que já tinha pessoa preparado para trabalhar com a sua comunidade, seria eu, mais não tive acordo com a secretaria da educação, eu pensei que era fácil de contratar um professor indígena pra o acampamento de indígena de São Leopoldo.

A Secretaria de Educação entendia que a comunidade indígena tinha que matricular numa escola não-indígena mais próximo do acampamento, que as crianças da comunidade não podia ficar se estudar, ai as mãe das criança foram matricular as suas crianças, mais dali um tempos as crianças não quiseram mais estudar naquela escola que os alunos não-indígena chamava que os índio tinha que ir no mato que o lugar deles não era na cidade.

No ano de 2001, as crianças foram matriculadas em uma escola mais perto da comunidade, mais as crianças foram discriminadas pelos seus colegas não-indígenas, ai a comunidade tomaram sua decisão de trazer uma escola dentro da sua comunidade, que as mãe

falaram para o cacique que eles não iam mais mandar seus filhos na escola de branco que eles são discriminado pelos seus colegas.

Ali tiveram reunião com toda comunidade para resolver o problema que está acontecendo com as crianças que eles não podiam ficar sem as aulas, ali um morador da comunidade emprestou uma casa de madeira e coberto de lona preta, o cacique Darci Rodrigues fortes e a sua equipe de liderança aceitaram o que a comunidade estava reivindicando.

Foram contratadas a primeiro uma professora e dali uns tempos foi contratado outro professor. A terra indígena Por Fi Ga tem várias famílias são compostos por vários terra indígena, maioria são de Nonoai, Serrinha, Guarita, Rodeio Bonito e Votouro. Eles se deslocavam para vender artesanato na região metropolitana de Porto Alegre. Todos de origem Kaingang, aí começaram se reunirem para construir um acampamento naquele local, para que eles possam construir e criar as suas famílias.

Mais porque nós viemos para a cidade urbana? Por causos que não tem mais nada na nossa aldeia grande, os matos já foram destruídos, como eu e os outros indígenas vão viver. E criar seu próprio seu filhos e eu também como eu vou criar os meu seis filhos e os meus netos, agora para que eu posso criar e dar de comer para meus filhos eu tenho que vender os meus artesanatos ou fazer palestra nas escolas pelo ajudas de alimentação não perecível, e quando vejo alguém falando que o lugar de índio é no mato, eu fico me perguntando que mato não tem mais mato tem só granja de plantio de soja, e trigo etc.....

Por causos que hoje eu estou aqui na cidade, tentando conseguir algo para minha família e também para o futuro dos meus filhos, para que eles posam sobre viver.

O ponto principal era São Leopoldo a era na rodoviária que eles ficavam para vender seus artesanatos. Coma presença dos povos indígenas na cidade as autoridades Municipais buscaram interferir, depois de alguns tempos a secretaria de habitação arranhou meio hectare de terra na vila dos tocos, não deu certo pra nós e aí voltamos para BR, próximo à estação rodoviária, todos nós sobrevivíamos só com venda dos artesanatos.

No dia vinte de junho de dois mil a água do rio dos sinos subiu e atingiu nós, por motivo da enchente e aí a secretaria da habitação nos levou para bairro São Miguel lá nós ficamos na Rua São Domingos, ali o lugar era boa para nós poder vender nossos artesanatos.

8.1 NOVO COMUNIDADE INDIGENA NO BAIRRO FEITORIA-SELLER

No ano de 2006 foram comprados uma nova área no bairro feitoria e é destinado para comunidade indígena *kaingang*, a presença de povo *kaingang* não foi bem aceito pelos moradores do bairro, até as lideranças do bairro fizeram baixo assinado para nos tirar no lugar a ondem que nos resistia.

E cada família começaram construir seus barracos de lona preta, e as crianças não tinha um lugar para ter suas aulas os professores e a comunidade se reuniram e pediram uma lona preta, e armaram de baixo de uma árvore e ali começou as aulas.

Em alguns tempos o cacique da aldeia marcou uma reunião para pedir uma ajuda para construir a escola porque os alunos estava sem escola, de baixo de uma barraca com situação precária mais foi muito bom a reunião com a prefeitura que eles nos ajudaram com madeira e Brasilit para na comunidade, mas comunidade tinham que fazer uma mutirão para construir a escola no novo espaço, mais a comunidade foram bem gentil e deram uma mão de obras e em alguns dias a nova escola já estava pronto. Dali fomos conquistando de devagarinho os projetos para os bem estar da comunidade e começaram se levantar as famílias e também com muita ajuda da comunidade, com tempo a escola que foi construído com a ajuda da prefeitura se deu de tanta precária até a secretaria de educação interditarão a nossa escola, eu o meu colega professor tinham que dar aulas para nossos alunos dentro de uma igreja evangélica, até que a secretaria de educação reformasse o centro cultural para que nos pudesse dar a aula no local, mais o centro cultural e emprestado para nos continuar dando a aula no local.

9 MINHA EXPERIÊNCIA NA SALA DE AULA COMO PROFESSOR

No ano de 2009 uma professora que dava aula para 1º, 2º, 3º série do ensino fundamental não quis mais dar aula, ai a vaga dela ficou pra mim e eu já estava escrito na banca de espera na secretária de educação, eu no mesmo ano no 12 de junho de 2009 comecei dar a aula, isso era meu primeira experiência de esta na sala de aula eu como professor indígena eu tinha que alfabetizar na minha língua materna e português os meu alunos para que eles não percam a sua cultura nos como professor indígena nós tem que ajudar as nossas crianças dá para fortalecer a sua língua materna.

Eu como professor eu tem que trabalhar junto com a minha comunidade e as lideranças e os mais velhos da minha aldeia que o pajé, e os *kufã ag* (os mais velhos), isso e muito

importante para nos educador indígena, os nossos alfabetos são diferente e as vogais também, quem nos formam são os nossos mais velhos e o pajé. As nossos alunos estudam até quinto anos do ensino fundamental na comunidade e depois que concluir o quinto anos vão para as escolas não-indígenas isso também prejudicam as nossas crianças esses dias eu estava conversando com outro meu ex alunos sobre o que ele está achado difícil ele me comentou que ele se sente muito esquisito no meio da outra cultura que ele queria muito que o estado tinha construir um prédio novo na comunidade para que ele voltasse estudar na comunidade dele. Nos indígena temos culturas diferente, quando os alunos vão para as escolas regular algumas escola querem que as crianças indígenas acompanhe os alunos não-indígenas.

9.1 REALIZAÇÃO DO SONHO DE SER PROFESSOR KAINGANG

O meu sonho era de um dia ser um Universitário, desde quando eu jovem eu sonhava de ser um Universitário. Mais cada dia e cada ano que passava o meu sonho aumentava cada vez mais, de um dia ser um aluno Universitário, mas eu não tinha ninguém pra mi auxiliar. Porque a maioria dos indígenas não sabemos que forma a gente consegue uma vaga na Universidade.

Uns tempos saiu seletivo indígena em na cidade de Maringá-PR aí cada um /indígena tinha que se escrever, mais tinham que ir até na cidade de Chapecó-SC, para depois ir até na cidade de Maringá-PR fazer as provas, aquele tempo as lideranças não comunicavam a sua comunidade, para ver se alguém tinha interesse de se escrever na seletiva Indígena.

Um dia eu estava indo roçar, encontrei um amigo da minha infância, que o pai dele fazia parte da equipe de liderança, ele me perguntou se eu já tinha terminado o Ensino Médio? Aí eu falei que sim? Ele disse que tinha saído seletivo indígena na cidade de Maringá-PR, naquela eu me senti que o meu sonho tinha realizado, ai eu voltei correndo para minha casa, falei para minha mãe que tinha saído edital para seletivo indígena mais eu tinha que ir fazer a minha inscrição em Chapecó-SC, mais a minha mãe achou muito longe demais, mas eu falei pra minha mãe que isso era uma chance de eu realizar o meu sonho.

Mas ela disse que nós não tinham condições de vida financeiramente pra ir até na cidade de Chapecó, porque eu tinha que ir de ônibus e também, eu tinha que ter um pouco de dinheiro para poder se alimentar que eu não ia aguentar o dia todo se comer nada. Aí eu falei pra ele que eu tendo só a passagem pra ir fazer a inscrição seria bom.

Quando eu falei assim ela foi emprestar, um pouco de dinheiro numa vizinha nossa, no outro dia eram uns cinco horas da manhã eu levantei, e fui a pé até rodoviária, na cidade de Nonoai,

quando eu cheguei na rodoviária, já era oito horas da manhã, peguei o primeiro ônibus que ia para cidade de Chapecó, quando cheguei na rodoviária de Chapecó era quinze pra meio dia, e eu só com a minha passagem, com aquela fome que tinha não dava nem pra caminhar com dor de estomago, mais a minha esperança continua cada vez mais forte de um dia de ser um aluno acadêmico.

Mas nem a fome não tirava o meu sonho, de chegar um dia numa faculdade, mais eu pedia para o meu *tupê* (Deus) para me dar força para poder vencer, que eu pudesse vencer aquela luta que eu estava passando, mas a sede da Funai de Chapecó fica meio longe da rodoviária mais eu não tinha nada de dinheiro para pegar um ônibus para ir até a Funai, o recurso era ir a pé. Quando cheguei na sede da Funai de Chapecó já era duas horas da tarde, mais já tinha bastante gente, viam de todas aldeias para fazer a inscrição, quando cheguei eu já fui fazer a inscrição, o curso que eu escolhi era de agronomia, depois que se escrever todos escritos tinham que fazer as provas na cidade Maringá -PR, voltei de novo para a minha casa quando cheguei em minha casa já era meia noite.

A minha mãe ficava muito feliz comigo, de ver um dia o seu filho tornar um universidade, mais eu não pude ir fazer as provas por motivo que eu não tinha dinheiro para se desloca até no local das provas, assim eu não parava de sonhar, de ser um dia universitário, dá uns tempos os meus mais velhos viam vendendo seus artesanatos, a onde eles construíram o acampamento indígenas, dali um tempo eu vim comercializar os meus artesanato , aqui na cidade de São Leopoldo, quando cheguei no acampamento eu fiquei sabendo que tinha uma faculdade que eu poderia me escrever mais não teve sucesso, quando cheguei no acampamento era umas barraca de lona preta e madeira compensadas, fiquei ali vendendo os meus artesanatos, ali um dia eu estava fazendo o meus artesanato o meu sobrinho, me perguntou se eu já tinha concluído o Ensino Médio, eu respondi que sim.

Aí ele me falou que uma universidade aqui em São Leopoldo, nós conversando dali a pouco ele disse pra mim, porque você não vai lá na unisnos para saber como você poderia entrar ali aqui fica perto pra tu estudar. Mas eu fiquei feliz, no outro dia eu convidei o meu sobrinho para nós irmos até a Unisinos.

Quando nós chegamos o meu sobrinho ficou no outro lado da rua me aguardando para que eu posso me informar sobre que eu poderia entra na Faculdade, quando eu cheguei no portão da Unisinos, tinha um guarda me chamando eu olhei para trás era o guarda da universidade voltei de volta para atender o guarda, ele me pergunto o que eu queria, ai eu falei pra ele que eu queria uma informação sobre os curso disponível na universidade, mais ele me

olhou nos meus pés até a cabeça, e me olhou meio desconfiado e disse que eu não iria conseguir nada ali, que a universidade não trabalhava com bolsa pra nenhum tipo de etnia, que eu estava no lugar errado.

Isso me entristeceu muito, mais com aquela fé que eu tinha no meu Tupê (Deus) eu ficava forte, ai eu voltei de volta, a onde o meu sobrinho estava no outro lado da rua, nós voltamos para as nossas barracas, conversando sobre] o que o guarda tinha falado pra min, naquele momento, que não era justo me tratar assim só porque eu so índio ele não poderia me tratar assim, mais cada dia que me dava erado o meu sonho aumentava mais, a minha esperança que alguns dia eu seria se um acadêmico, cheguei na minha Barraca com coração batido, com um pouco com a incerteza porque àquela hora eu pensei que o meu sonho tinha acabado.

Mais quando o ser humano tem fé, nada nos tira o nosso sonho da gente, cada vez mais eu fico forte fazia os meus artesanatos e eu saia com os meus filhos, de baixo do sol quente, assim eu vivia. Gosto muito de lembrar quando eu comecei dar a aula que o meu colega me ajudou muito no primeiro dia de aula por eu não saber como eu ia trabalhar com os meus alunos, mas eu agradeço muito o meu colega por me ajudou

9.2 PROFESSOR, SONHANDO EM UM DIA SER ACADÊMICO

Foi que uma professora que dava aula na minha aldeia Por Fi Ga, desistiu de dar aula, mas eu já estava escrito na banca onde os candidatos se escrevia para ficar aguardando quando abrir vagas que as coordenadorias chamam para começar trabalhar na escola a ondem existem vagas.

Quando eu estava fazendo os meus artesanatos com a minha esposa para que nós pudéssemos vender na outra semana, chegou a professora que estava trabalhando com aluno do 1º e 2º e 3º anos. A inda eu a convidei a ela senta para que nós tomasse chimarrão, dali apouco ele me disse que ela não ia mais dar a aula mais na escola, que era pra eu começa-se dar a aula, mais falei que eu não poderia dar porque primeiramente ela tinha que comunicar a 2º Coordenadoria da Educação, mais ali eu fui comunicar as lideranças da nossa comunidade ai eles falaram que é pra eu atender as crianças porque eu já estava aguardando a vaga, ai no outro dia já iniciei, mais ai dali três dias o pessoal da coordenadoria apareceram na aldeia, e chegaram me perguntando que da professora que estava trabalhando ai falei que ela não queria mais trabalhar com as crianças, assim outra mulher da coordenadoria, então a professora que não quer mais

trabalhar com as crianças tem que urgentemente no Recurso Humano da Coordenadoria para pedir o desligamento do seu serviço.

Para a Coordenadoria pudesse me contratar para que eu pudesse atender as crianças, mas eu continue atendendo as crianças voluntariamente, dali umas três semanas ligaram pra mim, da coordenadoria pedido pra mim que e pra eu comparecer urgentemente para assinar a minha emissão para trabalhar com as crianças.

Mais cada tempo foi passando eu sempre pedia para o meu *Tupê* (Deus), que um dia eu possam estudar numa faculdade que seria minha última oportunidade, e o tempo foi passando que um dia eu fui na escola a onde que a nossa escola estava anexado, por não ter diretora, ai todas papelada da nossa escola da aldeia era através deles viam.

O livro ponto ficava lá na nessa escola para nos professores irem assinar, um dia eu fui lá na escola, pegar os diário de classe dos meu alunos e também assinar o meu ponte, quando fui na secretaria uma moça que gostava muito de conversar comigo estava atendendo àquela hora, ai eu complementei, e pedi os meu diário d classe, ai ele perguntou pra mim se eu já era formando em uma faculdade ai eu respondi que não que eu tinha cursado magistério kaingang, mais eu não conclui.

E eu já sabia o que era o ParFor (Pano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), ai eu respondi que não ai ele me explicou que esse curso que o governo federal está formando os professores que não são formando no Ensino Superior, ai eu tinha que me escrever na internet, ai ele me perguntou pra mim se eu tinha computador e internet na minha casa ou na minha escola a onde eu estava dando aula, eu responde ela que eu não tenho nem desses ai, então ela falou que ela mesmo ia fazer a minha inscrição por e-mail.

E o tempo passou e nada, foi em alguns tempos eu já estava esquecido da minha inscrição, dali uns dois ou três anos eu relembrei do Par for pesquisei mais uma vez eu não fui selecionado.

Mais o meu sonho ainda continuava de um dia estudar numa universidade. Ai eu mesmos assim, fiz outra vez a minha inscrição, para a universidade federal do rio grande do Sul, mas eu mais uma vez não consegui, dali mais um tempo eu entrei no site do ministério da educação para eu ver se já tinha mais inscrição para fazer.

Mais pela ora de Deus já estava com a inscrição aberto, tinha para Pedagogia, olhei bem o qual a Universidade tinha que se escrever era a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

9.3 REALIZAÇÃO DE SER UM ACADÊMICO NA UNIVERSIDADE

Fiz a minha inscrição nunca me chamavam até eu já tinha esquecido, eu trabalhado, assim mesmo na minha comunidade, eu me lembro bem ainda, eu tinha uma celular meio antigo mais tinha como ver o meu e-mail, ai um dia eu estava olhando as minha mensagem que eu tinha recebido eu olhei o meu e-mail, eu foi olhando os e-mail que eu tinha recebido, que era pra eu comparecer com todos os documento para fazer matriculo no ultimo estava o e-mail, da secretaria da educação, que ali estava escrito que era para mim comparecer na Unisinos que eu foi selecionado no Par for, para fazer o Curso de pedagogia, eu até chorei de alegria, eu comecei agradecer o meu Tupẽ (Deus) por aquele oportunidade que eu tanto sonhava de um dia de ser acadêmico.

No outro dia eu fui até a secretaria de educação, falar com a minha diretora sobre o e-mail que eu tinha recebido, cheguei lá entrei procurei por ela na entrada mandaram eu subir no terceiro piso do prédio, eu ia encontrar a minha diretora, falei com ele que eu tinha recebido um e-mail que eu tinha selecionado para fazer um de Pedagogia Par for, mais ele ficou muito feliz que eu estava de parabéns, ai ela me ajudou ajuntar os documento que precisava para entregar na hora de fazer matricula.

Viviam fazendo jeito eu poderia que alguém me orientasse para conseguir um bolsa Universitário, pra dizer a verdade eu não sabia qual porta eu tinha que bater, naquela época eu ainda morava na aldeia indígena Nonoai, tinha como eu entra-se, mais a vida e assim tudo tem que esperar com paciência que o *Tupẽ* (Deus) nos permite na hora certa.

E assim que eu pensava, que um dia o meu sonho ia realizar, que eu ia estudar no Ensino Superior.

Mais foi uma festa pra mim, fiquei muito feliz com aquele sonho que eu tanto sonhava foi realizado, tal dia que era pra fazer matricula fui, eu fui no local a onde foi marcado para fazer a minha matricula, mandaram os documento, vi para minha casa com aquele alegria de ter conquistado o sonho que eu sonhava.

Dali uns tempos eu recebi um email que as aulas não iam começar na data que foi combinado, por motivo de que o ministério da Educação não tinha liberado as bolsa de estudo. Mais eu fiquei um pouco triste naquela hora, mais eu pedia para o meu Deus que tudo era pela vontade dele, e cada vez mais eu ficava o meu sonho aumentava, mais em alguns tempo eu recebi mais um email da Universidade que as bolças já estava liberado que as aulas iam começar logo que era para nós que estamos matriculado ficar atento.

No dia dezesseis de junho do ano de dois mil e nove foi uma história que ficou marcado na minha vida que foi o dia que eu conheci como e ser um professor, mais foi bem legal, a primeira turma fora do 1º, 2º, 3º anos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

A minha aprendizagem na sala de aula foi muito gratificante, e muito produtiva como professor da séries iniciais. Porque eu não tinha experiência na sala de aula só eu tinha um sonho de ser um professor na minha vida de infância, eu mesmo pensava que quando eu ia ser um dia ser professor.

Mas foi um momento muito importante da minha história que no primeiro dia que eu coloquei os meus pés numa sala de aula e teve muito aprendizagem com as crianças, porque eu aprendi com eles e eles também aprenderam comigo como diz a lenda o professor não sabe tudo por isso que nos professores também tem ouvir os alunos a minha cultura e assim, só porque eu sou professor eu não posso dizer que eu sou mais que eles e da comunidade, eu tem que ouvir os mais velhos.

Com muita ajuda dos meu colega e dos outros professores não indígenas foi muito importante, por que outro meu colega já tinha experiências na sala de aula ele já tinha dez anos de professor, então isso me ajudou muito de como e de ser um professor, quando eu não conseguia fazer meu planejamento da aula eu pedia ajuda para minha colegas professores(as) da escola a onde a nosso escola está anexado a nossa escola não estava com os documento pronto mais foi com muita luta foram conseguimos com a ajuda da comunidade e também com as lideranças e a comunidade escola foi muito importante para conquistar a regulação do funcionamento das Series iniciais.

No dia 17 de junho de 2013 foi mais uma experiência que eu tive na sala de aula com os alunos do 4º, 5º anos do Ensino Fundamental, foi uma experiencias muito. Na verdade, eu como professor eu aprendi com os meus alunos, eu também só grato a o meu colega professor que me ajudou muito como eu tinha que trabalhar na escola e ele já tinha muito tempo de experiência numa escola indígena.

Esse foi uma grande aprendizagem na sala de aula e também junto com os mais velhos que são os *kufã*, que eles são os nossos professores, são eles que passam as sabedoria deles quando chegam a noite eu já ficava aguardando os nossos mais velhos para ouvir o que eles tem para falar pra mim numa roda de conversa que ele nós passa o conselho, para nos professores trabalhar na sala de aula com as crianças, sobre a nossa cultura e a nossa marca que é muito importante, a Pedagogia kaingang busca sempre iniciar um trabalho pela sua origem, tudo o que se estuda com as crianças é preciso começar pela origem.

Não dá pra começar pela copa da árvore e sim pela raiz, a gente parte de um assunto e va fazendo os galhos. Outra característica marcante da pedagogia kaingang é o respeito ao tempo de cada um e ao tempo coletivo.

Esse respeito é percebido não somente no ambiente escolar, mas em toda a vida na comunidade, assim que nossa educação indígena funciona mais realidade maioria das escolas não estão como uma comunidade querem, talvez iam funcionar se todas escolas tivessem uma Diretora indígena ou diretora não-indígena formada na questão indígena e formada na educação indígena.

9.4 VIVÊNCIAS NA PEDAGOGIA E APRENDIZAGEM PARA MEU FUTURO

A pedagogia venha para completar o meu conhecimento na escola seja na aula diferenciado ou normal então e também veio para completar a minha experiência como educador na sala de aula das escolas indígenas comisso a minha bagagem de conhecimento foi crescendo cada vez mais na minha aprendizagem.

Porque as nossos costumem não é igual as outras culturas, a pedagogia me ensinou que as escolas também tinham que saber e lidar com várias culturas porque no planeta tem varia cultura.

Isso foi abrindo a minha visão que o educador tinham que ampliar o seu conhecimento para as crianças sejam educado com forme o seu costume, isso o que acontece com nossas crianças quando vão para as escola não-indígena, isso sufocam eles os nossos alunos quando sai fora da escola da sua comunidade eu não tinha percebido antes.

Eu senti na pele quando eu sentei na cadeira de uma faculdade, por que eu também senti aquela dificuldade de acompanhar as aulas, eu sozinho me perguntava a onde será eles traz o seus aprendizagem assim que eu percebi que motivo de abandono da escola acontece com os nossa crianças, assim foi um dia que eu pensei de abandonar o meu curso mais àquela hora eu pedi foça para o meu Tupê para que eu possa continuar e concluir o meu curso mais na mesma hora eu refletia que eu tinha chegar até o fim isso me fez relembrar dos conselho que o meu pai passava pra mim que nos eu nunca eu não podia começar e para no meio do meu trabalho que tinha começar e ir até o fim isso me dava força naquela hora , então as crianças também passaram por isso.

CONCLUSÕES: O QUE EU QUERO É PASSAR A MINHA HISTÓRIA

Ao final queria passa a minha história para os leitores, conhecessem a minha história e o meu sonho da minha infância que eu tive mais o meu sonho era de um dia concluir o meu estudo eu dia ser um professor indígena.

Referências:

KONHKO FORTES, Josme. Memórias de um professor indígena. (Trabalho de Conclusão de Curso). Graduação em Pedagogia. Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2019

MENQ, Willian. Caburé (Glaucidium brasilianum) - Aves de Rapina Brasil, 2018. Disponível em: http://www.avesderapinabrasil.com/glaucidium_brasilianum.htm Acesso em: Dezembro de 2021.

MASCITTI, Dayane. Escola caingangue está desabando e tem pedido de reforma desde 2012. In: Jornal Vale dos Sinos Online, seção “Região”, São Leopoldo, 2015

Josme dando aula, 2015



Fonte: MASCITTI, 2015

Passeio ao zoológico, 2018



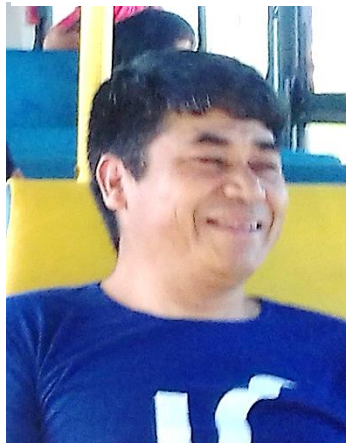
Fonte: Do autor, 2018

Konhko – Caburé do sol



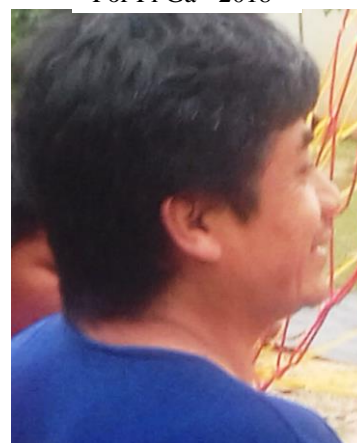
Fonte: MENQ, 2018

Konhko – Josme Fortes



Fonte: Do autor, 2019

Por Fi Ga - 2018



Fonte: Do autor, 2018